

LIÇÕES DA CRISE DO LEITE

Sebastião Teixeira Gomes¹

O mercado de leite, neste ano, passa por duas experiências não vividas há muitos anos: preços liberados e excesso de produção em relação ao consumo. O desequilíbrio do mercado tem causas tanto do lado da oferta quanto da demanda.

Enquanto a taxa histórica de crescimento da produção de leite, do Brasil, é 2,44% ao ano, estima-se que, neste ano, o crescimento deve ser de 3 a 4%. Tal comportamento foi provocado pelo clima favorável, com muitas chuvas e bem distribuídas, e preço do leite no primeiro semestre.

Do lado da demanda dois fatores merecem destaque: recessão econômica e redução das compras de leite em pó pelo governo. Em dez anos o poder de compra do consumidor caiu pela metade. No final dos anos setenta com um salário mínimo comprava-se 360 litros de leite e, neste ano, compra apenas 150 litros. Quanto as aquisições de leite em pó pelo governo, para seus programas sociais, elas corresponderam a 12% da produção total nos anos de 1988 e 89 e, neste ano, o governo ainda não comprou nem o equivalente a 1% da produção.

Constatada a crise no mercado de leite, resta examinar os ajustamentos deste mercado, agora com preços liberados. Logo após a liberação, no final do segundo semestre do ano passado, os produtores conseguiram significativos ganhos no preço do leite. De outubro de 91 a maio de 92 o preço real (ou corrigido) do leite aumentou 37%. Isto significa que o preço aumentou mais do que a inflação no período das águas, favorecendo ao produtor safrista. A partir de maio de 92 o preço do leite começa a despencar. No período de maio a outubro de 92 o preço caiu 39%. Isto significa que o preço do leite aumentou menos do que a inflação no período da seca, penalizando os autênticos produtores de leite.

De acordo com a planilha de custo de produção de leite da EMBRAPA, em maio de 92 o preço recebido pelo produtor era 19% maior que o custo total médio (custo por litro) e,

¹ Professor da UFV e consultor da EMBRAPA. Escrito em 26-10-92.

em outubro deste ano, o preço está 20% menor que o custo. Para piorar ainda mais a situação do produtor, muitas usinas voltarem o pagamento mensal e começam a pagar preços diferenciados para leite cota-consumo, leite indústria e leite excesso. Existem casos em que o preço do leite excesso é apenas 30% do preço do leite cota-consumo. A aproximação do período das chuvas deixa o produtor perplexo, com a possibilidade de aprofundamento deste quadro tão sombrio.

Diante desta situação lideranças do setor leiteiro têm reivindicado do governo a compra de leite em pó, para ser usado em programas sociais e, a Confederação Nacional da Agricultura lançou uma campanha para aumentar a venda de leite. São medidas importantes e, com certeza, irão contribuir para suavizar os impactos da atual crise. Em adição a estas propostas três outras poderiam ser implementadas, objetivando estruturar melhor o mercado de leite.

A primeira proposta diz respeito ao contrato de fornecimento de leite entre produtor e comprador. No Brasil já existem experiências bem sucedidas, com prazo de validade de um a cinco anos. Por este contrato o produtor se compromete a entregar uma cota diária de leite e, o comprador a pagar um certo percentual do preço a nível de consumidor.

A segunda proposta refere-se ao sistema de informações de mercado. Depois de quase meio século de preço tabelado, o mercado livre começa a engatinhar e, o sucesso desta nova fase depende muito de informações tais como: custo de produção, preço do leite nas principais bacias leiteiras, estoques de derivados lácteos, importações, exportações, preços internacionais e estimativas de produção e de consumo. A informação é importante arma na negociação e, existem evidências que as negociações mais vantajosas ocorrem onde produtores e compradores dispõem de mais e melhores informações. Governo e iniciativa privada devem se unir para melhorar o atual sistema de informações que é muito deficiente.

A terceira e última proposta refere-se a inclusão do leite na política de preços mínimos. Dificilmente o mercado de leite será bem estruturado sem uma política que assegure maior estabilidade de preço, condição básica para a modernização da pecuária leiteira.

A partir dos argumentos apresentados, a pergunta que permanece é a seguinte: apenas as forças de mercado serão capazes de construir um eficiente sistema de preço do leite? As evidências deste ano indicam que não, visto que os preços praticados caminham no sentido contrário à modernização da pecuária, favorecendo o safrista e penalizando os autênticos produtores de leite. Isto significa que para a implantação de um eficiente sistema de preços, que realmente contribua para o aumento da produtividade, não se pode prescindir da intervenção do governo. Não daquela intervenção baseada no tabelamento do preço do leite como aconteceu nos últimos tempos, mas sim de uma intervenção que venha assegurar preços estáveis e estimuladores a modernização. A pecuária leiteira nacional só poderá desempenhar bem seu papel no processo de desenvolvimento econômico se privilegiar os autênticos produtores e, para isto, o sistema de preço é peça chave.